



ROMANTISMO NO BRASIL - POESIA

AS GERAÇÕES POÉTICAS DO ROMANTISMO NO BRASIL

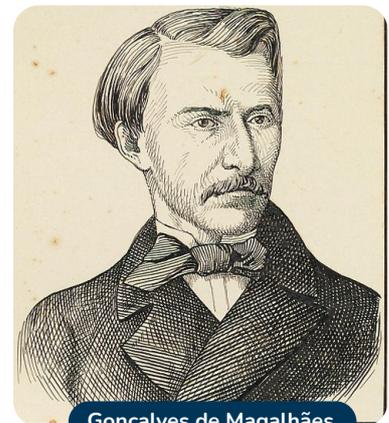
O Romantismo é a primeira escola literária da era nacional da literatura brasileira, ou seja, a primeira escola a se desenvolver após a independência. A escola começa com a publicação do livro “Suspiros Poéticos e Saudades”, de Gonçalves de Magalhães, em 1836, que continha em seu prefácio o Manifesto Romântico, e termina 45 anos depois, com “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis.

Por ter surgido após a independência, o Romantismo traz um tom de rebeldia, livre e idealista, e busca criar uma identidade nacional para o país. Além do nacionalismo, é possível observar características regionais no Romantismo brasileiro, além de preocupação com problemas sociais e análise dos costumes da época.

Há três gerações poéticas do Romantismo brasileiro:

Primeira Geração: Nacionalista ou Indianista

A geração mais preocupada com a identidade nacional surge logo após a independência. Gonçalves de Magalhães, cuja obra tem ainda muitas características neoclássicas, publica o livro que dá início ao Romantismo no país e, junto com outros escritores brasileiros, cria em Paris a revista literária Niterói em 1836. Magalhães também é autor do poema épico “A Confederação dos Tamoios”.



Gonçalves de Magalhães

O principal poeta da primeira geração é Gonçalves Dias, conhecido também como Poeta dos Índios. Tendo ido estudar em Portugal, lá escreve seu mais famoso poema,



Gonçalves Dias

a “Canção do Exílio”. Seus poemas apresentam temas variados e equilíbrio entre forma e conteúdo, sem exagero nos sentimentos. O poeta usa muitas redondilhas e versos decassílabos e imprime grande sonoridade em seus trabalhos.

Sua incursão no gênero épico, através do poema “Os Timbiras”, fica inacabada. Suas demais obras podem ser classificadas em lírico-amorosas ou indianistas-nacionalistas. Nas obras indianistas, Gonçalves Dias retrata o índio com simpatia, mas pinta um retrato



negativo do colonizador português. Entre as obras indianistas-nacionalistas, destaca-se “I-Juca Pirama”, poema dividido em dez cantos sobre os índios tupis e timbiras. Leia um trecho do poema a seguir, em que um velho índio se apresenta:

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimoréis;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes - escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

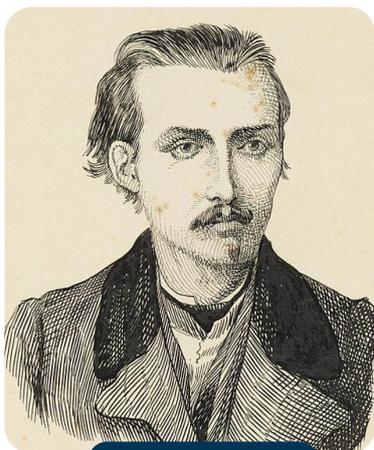


E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Perceba que, nesta geração, os escritores tentaram adaptar as características do Romantismo europeu à realidade brasileira, por isso, quando buscaram um herói para o país recém-independente, encontraram no indígena idealizado esta figura pura e de grandes valores.

Segunda Geração: Byronista, Ultrarromântica ou do Mal-do-século

Fortemente influenciada pelo pessimismo da poesia do inglês Lord Byron, esta geração abandona a visão utópica do país e se volta para problemas pessoais que parecem sem solução, a exemplo de desilusões amorosas. O escapismo e a nostalgia estão muito presentes nas obras desta fase, assim como o pessimismo.



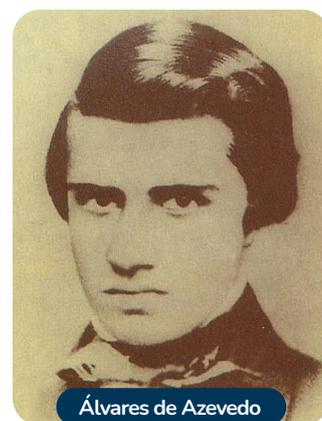
Casimiro de Abreu

Casimiro de Abreu foi um poeta desta geração. Seus poemas apresentam certa ingenuidade, sensibilidade, amor à natureza (em geral atrelado à religiosidade) e em especial o saudosismo do tempo da infância.

O maior nome desta geração foi Álvares de Azevedo, Poeta da Tristeza e da Melancolia. Assim como Casimiro, que morreu aos 21 anos, Álvares de Azevedo morreu jovem, com 20 anos, e toda sua obra foi publicada postumamente. Seus escritos refletem grandes conhecimentos literários, citando diversos autores, e ao mesmo tempo apresentam conflitos típicos da adolescência.



Lord Byron



Álvares de Azevedo



Com obras variando do medíocre ao genial, Álvares de Azevedo escreve num tom triste, cheio de conflitos (com uso amplo de antíteses) e idealiza a figura feminina, como no poema abaixo. Também escreve contos macabros, inspirado por Lord Byron.

Meu anjo

Meu anjo tem o encanto, a maravilha

Da espontânea canção dos passarinhos;

Tem os seios tão alvos, tão macios

Como o pelo sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janela a vejo

E de seus lábios o gemido escuto.

É leve a criatura vaporosa

Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angélica

Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...

Formosa a vejo assim entre meus sonhos

Mais bela no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho espanhol, um beijo dela

Entorna ao sangue a luz do paraíso.

Dá morte num desdém, num beijo vida,

E celestes desmaios num sorriso!

Mas quis a minha sina que seu peito

Não batesse por mim nem um minuto,

E que ela fosse leviana e bela

Como a leve fumaça de um charuto!

Em parte de sua obra “A Lira dos Vinte Anos”, Álvares de Azevedo escreve com ironia sobre sua própria geração de escritores e seu gosto pelo sofrimento, como pode ser lido neste prefácio:

“Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quixote, onde Sancho é rei e vivem Panúrgio, sir John Falstaff, Bardolph, Fígaro e o Sganarello de D. João Tenório: — a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

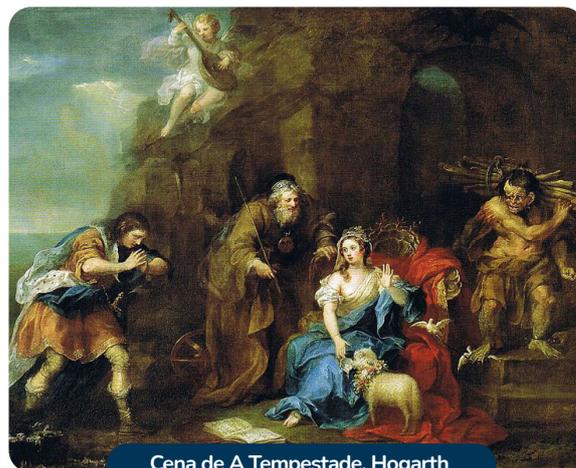


A razão é simples. É que a unidade deste livro se funda numa binômia: — duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdoem-me os poetas do tempo, isto aqui é um tema, senão mais novo, menos esgotado ao menos que o sentimentalismo tão fashionable desde Werther até René.”

Observe como o autor menciona diversos personagens da literatura mundial no primeiro parágrafo. Logo em seguida, ele contrapõe dois personagens de “A Tempestade” de Shakespeare: Ariel, espírito casto, e Caliban, espírito impuro, que estão presentes, respectivamente, na primeira e na segunda parte do livro.

No quarto parágrafo, o autor critica o sentimentalismo, tema esgotado, e cita os livros “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, de Goethe e “René” de François-René de Chateaubriand, ambos marcos na literatura romântica.

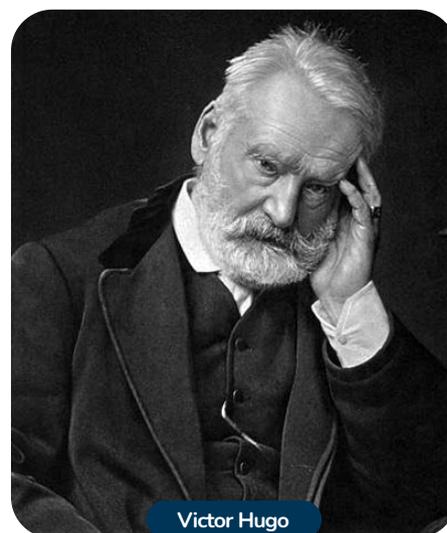


Cena de A Tempestade, Hogarth

Terceira Geração: Poesia Social ou Condoreira

Esta geração, por sua vez, foi influenciada pela poesia social do francês Victor Hugo. As obras, cheias de antíteses e hipérboles, clamam pela libertação dos escravos e a proclamação da república, com retomada do nacionalismo da primeira geração romântica. Ao contrário dos poetas da segunda geração, estes poetas não buscam fugir da realidade, mas lutam para mudá-la. A terceira geração é também chamada de condoreira porque o condor, ave dos Andes, é um símbolo de liberdade para a América Latina.

Podemos mencionar Tobias Barreto, Joaquim Nabuco e Sousândrade como poetas desta geração, porém o mais importante representante do condoreirismo é Castro Alves, o Poeta Social ou Poeta dos Escravos. Sua poesia lírica amorosa é marcada por idealização da mulher amada ao mesmo tempo em que contém sensualidade, com imagens formadas através de metáforas e comparações relacionadas à natureza. Aqui também é possível encontrar influências do pessimismo e ironia de Lord Byron.

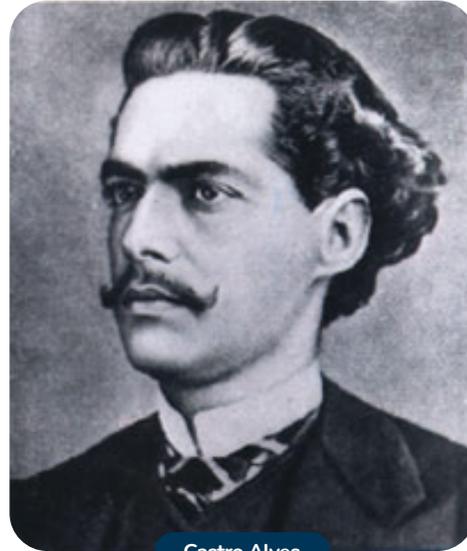


Victor Hugo



Sua poesia épica, de fundo social, é mais conhecida, embora tenha sido publicada somente após a morte prematura do autor aos 24 anos. Nessas poesias, Castro Alves defende que o progresso está ligado à liberdade e à república. Feitas principalmente para declamação, essas poesias apresentam diversas antíteses, apóstrofes, comparações e metáforas ousadas. Leia a seguir um trecho de “O Navio Negreiro”, longo poema denunciando os horrores da escravidão. Este poema foi declamado pela primeira vez em 1868 e ganhou notoriedade ao ser publicado em jornais e revistas abolicionistas:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,



Castro Alves

E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."
E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...